COSACNAIFY PORTÁTIL 14

A FESTA DE BABETTE

KAREN BLIXEN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

COSACNAIFY

KAREN

BLIXEN

A FESTA DE BABETTE

tradução Cassio de Arantes Leite

I. DUAS SENHORAS DE BERLEVAAG

Na Noruega, existe um fiorde – um braço longo e estreito de mar entre montanhas altas – chamado Berlevaag. No sopé das montanhas, a cidadezinha de Berlevaag parece uma cidade de brinquedo feita com pequenas peças de madeira pintadas de cinza, amarelo, rosa e muitas outras cores.

Há sessenta e cinco anos, duas senhoras idosas moravam em uma das casas amarelas. Outras mulheres dessa época usavam anquinhas e as duas irmãs poderiam tê-las usado com tanta graça quanto qualquer uma delas, pois eram altas e esbeltas. Mas jamais possuíram artigo algum da moda; haviam se vestido com recato em cinza ou preto por toda a vida. Seus nomes de batismo eram Martine e Philippa, em homenagem a Martinho Lutero e seu amigo Philipp Melanchthon. O pai delas fora deão e profeta, fundador de algum grupo ou seita eclesiástica devota, conhecida e respeitada em toda a Noruega. Seus membros renunciavam aos prazeres deste mundo, pois a terra e tudo que continha para eles não constituíam senão um tipo de ilusão, e a verdadeira realidade era a Nova Jerusalém à qual aspiravam. Jamais praguejavam, sua comunicação se dava com *sim sim* e *não não* e tratavam-se uns aos outros por irmão e irmã.

O deão casara-se em idade provecta e por essa época havia muito já morrera. Os discípulos minguavam ano após ano, assim como a cor de seus cabelos, os próprios cabelos, a audição; tornavam-se até mesmo um pouco chorosos e briguentos, de modo que pequenos cismas surgiam na congregação. Mas continuavam a se reunir para ler e interpretar a Palavra. Todos haviam conhecido as filhas do deão desde garotinhas; para eles, continuavam a ser duas irmãs pequenas, preciosas por causa do pai querido. Na casa amarela, sentiam que o espírito do Mestre estava entre eles; ali encontravam-se em casa e em paz.

Essas duas senhoras tinham uma criada francesa, pau para toda a obra, Babette.

Era uma coisa estranha para uma dupla de mulheres puritanas numa pequena cidade norueguesa; ao que tudo indica, chegou-se até a exigir uma explicação. O povo de Berlevaag encontrou a explicação nos sentimentos piedosos e na bondade de coração das irmãs. Pois as filhas do velho deão gastavam o tempo e os pequenos rendimentos em obras de caridade; nenhuma criatura infeliz ou aflita batia à sua porta em vão. E Babette chegara àquela porta doze anos antes como uma fugitiva sem amigos, quase enlouquecida de dor e medo.

Mas o verdadeiro motivo para a presença de Babette na casa das duas irmãs estava para ser descoberto buscando-se um pouco mais

fundo no passado e nos domínios do coração humano.

II. O NAMORADO DE MARTINE

Na juventude, Martine e Philippa haviam sido extraordinariamente belas, com a beleza quase sobrenatural das flores de árvores frutíferas ou das neves perpétuas. Nunca eram vistas nos bailes ou nas festas, mas as pessoas viravam a cabeça quando passavam na rua e os rapazes de Berlevaag iam à igreja para vê-las caminhar pela nave lateral. A irmã mais jovem era ainda dona de uma voz adorável, que aos domingos enchia a igreja com sua graça. Para a congregação do deão, o amor terreno e o ato de desposá-lo constituíam assuntos triviais, em si mesmos nada senão ilusão; mesmo assim é possível que mais de um dos velhos irmãos andasse cobiçando as jovens como rubis e que tal o dessem a entender ao pai delas. Mas o deão declarara que para ele e sua vocação as filhas eram sua mão direita e esquerda. Quem quereria privá-lo delas? E as formosas garotas haviam crescido sob o ideal do amor celeste; dele estavam repletas e não se deixavam ser tocadas pelas chamas deste mundo.

E mesmo assim perturbaram a paz de espírito de dois cavalheiros provenientes do vasto mundo fora de Berlevaag.

Havia um jovem oficial chamado Lorens Loewenhielm, que desfrutara de uma vida de dissipações na cidade para onde fora destacado e contraíra dívidas. No ano de 1854, quando Martine tinha a idade de dezoito, e Philippa, dezessete, um indignado pai obrigou-o a fazer uma visita mensal à tia em sua velha casa de campo em Fossum, perto de Berlevaag, onde teria tempo de refletir e melhorar seus hábitos. Certo dia, cavalgou até a cidade e avistou Martine na praça do mercado. Do alto da montaria, fitou a linda moça, que devolveu o olhar ao belo cavaleiro. Depois que ela passou e desapareceu, ficou sem saber se devia acreditar nos próprios olhos.

Na família Loewenhielm havia algo como uma lenda de que muito tempo antes um dos ancestrais desposara uma *huldre*, um espírito das montanhas norueguesas, tão bela que o ar ao seu redor cintila e se agita. Desde então, de tempos em tempos, alguns membros da família tornaram-se clarividentes. O jovem Lorens até o momento não tomara ciência de nenhum dom espiritual particular em sua própria natureza. Mas, naquele preciso instante, saltou diante de seus olhos uma visão súbita, poderosa, de uma vida mais elevada e pura, sem credores, cartas de cobrança ou sermões paternos, sem desagradáveis e secretas dores de consciência e com um gentil anjo de cabelos dourados a guiá-lo e recompensá-lo.

Por intermédio da tia devota, conseguiu ser admitido na casa do deão e viu que Martine era ainda mais adorável sem a touca. Seguia sua figura esguia com olhar de veneração, mas abominava e

desprezava a figura que ele próprio fazia em sua presença. Ficava atônito e chocado com o fato de não conseguir encontrar absolutamente nada para dizer e nenhuma inspiração no copo d'água pousado diante dele. "A misericórdia e a verdade, caros irmãos, encontraram uma à outra", dizia o deão. "A retidão e a bem-aventurança beijaram uma à outra." E os pensamentos do jovem estavam no momento em que Lorens e Martine estariam beijando um ao outro. Repetia sua visita regularmente, e a cada vez sentia-se menor, mais insignificante e desprezível.

Quando voltava à noite para a casa da tia, chutava as paredes do quarto com as reluzentes botas de montaria; chegou até a deitar a cabeça na mesa e chorar.

No último dia de sua estadia, fez uma última tentativa de comunicar os sentimentos a Martine. Até então, sempre fora fácil para ele dizer a uma garota bonita que a amava, mas as palavras ternas ficaram presas em sua garganta quando fitou o rosto da donzela. Após se despedir dos demais, Martine o acompanhou à porta com um castiçal na mão. A luz brilhou em seus lábios e projetou-lhe no rosto as sombras de seus longos cílios. Estava prestes a sair em mudo desespero quando, ali na soleira, subitamente agarrou sua mão e apertou-a contra os lábios.

"Vou partir para sempre!", gemeu. "Nunca, nunca mais a verei! Pois aprendi aqui que o destino é severo e que neste mundo há coisas impossíveis!"

Ao ver-se de volta à cidade com sua guarnição, acreditou que a aventura terminara, descobrindo que não gostava nem um pouco de pensar naquilo. Enquanto os outros jovens oficiais contavam seus casos amorosos, permanecia silencioso a respeito do seu. Pois, visto do rancho dos oficiais, o que equivale a dizer, visto aos olhos deles, a história era deplorável. Como fora acontecer de um tenente dos hussardos se deixar derrotar e frustrar por um punhado de sectários melancólicos, nas austeras dependências sem tapetes da casa de um velho deão?

Então teve medo; o pânico se abateu sobre ele. Seria a loucura familiar que o levava a continuar carregando consigo a imagem sonhadora de uma jovem tão bela que fazia o ar em torno brilhar de pureza e santidade? Não queria ser um sonhador; queria ser como seus irmãos de armas.

Assim, procurou se controlar e, no maior esforço de sua juventude, determinou-se a esquecer o ocorrido em Berlevaag. Dali em diante, resolveu, olharia para a frente, não para o passado. Iria se concentrar em sua carreira e logo chegaria o dia em que faria uma figura brilhante num mundo brilhante.

Sua mãe ficou satisfeita com o resultado da estadia em Fossum e em

suas cartas expressava toda a gratidão à tia. Mal sabia ela por que estranhos, tortuosos caminhos o filho alcançara aquela feliz perspectiva moral.

O ambicioso jovem oficial em pouco tempo chamou a atenção dos superiores e foi promovido com rapidez extraordinária. Enviaram-no para França e Rússia e ao regressar casou-se com uma dama de companhia da rainha Sofia. Nesses altos círculos movia-se com graça e leveza, satisfeito com seu meio e consigo mesmo. Chegou até, com o correr do tempo, a tirar benefício das palavras e atos que ficaram gravados em sua mente na casa do deão, pois o comportamento devoto agora estava em moda na corte.

Na casa amarela de Berlevaag, Philippa às vezes desviava a conversa para o belo e silencioso jovem que tão subitamente aparecera para do mesmo modo tornar a desaparecer. A irmã mais velha então respondia delicadamente, com o rosto sereno, imperturbável, e encontrava outros assuntos para discutir.

III. O NAMORADO DE PHILIPPA

Um ano mais tarde, uma pessoa ainda mais notável do que o tenente Loewenhielm foi a Berlevaag.

O grande cantor Achille Papin, de Paris, cantara por um ano na Ópera Real, em Estocolmo, e lá, como em toda parte, arrebatara seu público. Certa noite, uma dama da corte, que sonhava em ter um romance com o artista, descrevera-lhe a paisagem selvagem e grandiosa da Noruega. Sua própria natureza romântica foi agitada pelo relato e ele incluiu no trajeto de volta à França uma passagem pela costa norueguesa. Porém, sentiu-se pequeno naquele cenário sublime; sem ninguém com quem conversar, mergulhou numa melancolia em que via a si mesmo como um velho em fim de carreira, até que num domingo, quando não conseguia imaginar outra coisa para fazer, foi à igreja e ouviu Philippa cantar.

Então, num lampejo, percebeu e compreendeu tudo. Pois ali estavam os picos nevados, as flores selvagens e as brancas noites nórdicas traduzidas em sua própria linguagem musical e levadas até ele pela voz de uma jovem. Como Lorens Lowenhielm, teve uma visão.

"Deus Todo-Poderoso", pensou, "Vosso poder não conhece limites e Vossa misericórdia eleva-se até as nuvens! E aqui está uma prima-dona da ópera que vai deixar Paris a seus pés."

Achille Papin, nessa época, era um belo quarentão, com cabelos pretos encaracolados e boca vermelha. A idolatria de nações não o estragara; era uma pessoa de bom coração e honesto consigo mesmo.

Foi direto à casa amarela, deu seu nome – que para o deão não dizia nada – e explicou que passava uma estadia em Berlevaag para cuidar da saúde e, enquanto isso, ficaria feliz em ter a jovem dama como sua pupila.

Não mencionou a Ópera de Paris, mas descreveu minuciosamente como seria lindo o canto da senhorita Philippa na igreja, para a glória do Senhor.

Em determinado momento cometeu um deslize, pois quando o deão perguntou se era um católico romano, respondeu segundo a verdade, e o velho clérigo, que jamais vira um católico romano, ficou um tanto pálido. Mesmo assim, o deão alegrou-se de poder exercitar o francês, que o lembrava seus dias de juventude, quando estudara as obras do grande escritor luterano francês Lefèvre d'Étaples. E, como ninguém era capaz de fazer frente a Achille Papin quando de fato punha todo seu empenho num assunto, no fim o pai acabou concordando, e observou para a filha: "Os caminhos do Senhor correm pelo oceano e pelas montanhas nevadas, onde o olhar do homem não enxerga nenhum rastro".

Assim, o grande cantor francês e a jovem aprendiz norueguesa puseram-se a trabalhar juntos. As expectativas de Achille tornaram-se uma certeza e a certeza transformou-se em êxtase. Pensava: “Errei em pensar que estava ficando velho. Meus maiores triunfos encontram-se diante de mim! O mundo vai voltar a acreditar em milagres quando cantarmos juntos!”.

Após algum tempo, não conseguiu mais guardar seus sonhos para si mesmo e contou a Philippa sobre eles.

Ela iria, disse, subir como uma estrela acima de qualquer diva do passado ou do presente. O imperador e a imperatriz, os príncipes, as nobres damas e *bels esprits* de Paris iriam ouvi-la e verter lágrimas. As pessoas comuns também iriam venerá-la e levaria consolo e força aos injustiçados e oprimidos. Quando deixasse a Grand Opéra de braços dados com o mestre, a multidão a tiraria do cavalo e a conduziria nos ombros ao Café Anglais, onde uma ceia magnífica a aguardava.

Philippa não repetiu essas expectativas para seu pai ou sua irmã e essa foi a primeira vez em sua vida que guardava um segredo deles.

O professor agora dava à pupila o papel de Zerlina na ópera *Don Giovanni*, de Mozart, para estudar. Ele próprio, como tantas vezes antes, cantaria o papel de Don Giovanni.

Jamais em sua vida cantara como agora. No dueto do segundo ato – chamado o dueto da sedução – flutuava de emoção com a música celestial e as vozes celestiais. Quando a última nota comovente agonizou, agarrou as mãos de Philippa, puxou-a para junto de si e beijou-a solenemente, como um noivo beijaria a noiva diante do altar. Então a soltou. Pois o momento era sublime demais para quaisquer outros gestos ou palavras; Mozart em pessoa olhava os dois lá do alto.

Philippa foi para casa, disse ao pai que não queria mais saber de aulas de canto e pediu-lhe para escrever e dizer tal coisa a Monsieur Papin.

O deão disse: “E os caminhos do Senhor correm pelos rios, minha criança”.

Quando Achille recebeu a carta do deão, sentou-se imóvel por uma hora. Pensou: “Eu me enganei. Meu dia chegou. Nunca mais serei o divino Papin. E este pobre jardim inculto do mundo perdeu seu rouxinol!”.

Um pouco depois, pensou: “Fico me perguntando qual será o problema com aquela diabinha? Será que por acaso a beijei?”.

No fim, pensou: “Perdi minha vida por um beijo e não guardo a menor lembrança desse beijo! Don Giovanni beijou Zerlina e Achille Papin é quem paga! Tal é o destino do artista!”.

Na casa do deão, Martine pressentia que a questão era mais profunda do que parecia e perscrutava o rosto da irmã. Por um momento, com um ligeiro tremor, também imaginou que o cavalheiro

católico romano talvez houvesse tentado beijar Philippa. Mas não imaginava que a irmã pudesse ter ficado surpresa e atemorizada com algo de sua própria natureza.

Achille Papin tomou o primeiro barco que saiu de Berlevaag.

Sobre o visitante do grande mundo, as irmãs falaram muito pouco; faltavam-lhes as palavras com que discuti-lo.

IV. UMA CARTA DE PARIS

Quinze anos depois, numa noite chuvosa de junho, em 1871, a corda da campainha da casa amarela foi puxada violentamente três vezes. As donas da casa abriram a porta para uma mulher robusta, morena, mortalmente pálida, com um pacote no braço, que as fitou com olhos arregalados, deu um passo adiante e tombou sem sentidos sobre o limiar da porta. Quando as senhoras assustadas trouxeram-na de novo à consciência, ela se sentou, lançou-lhes mais um relance com seus olhos fundos, o tempo todo sem dizer palavra, tateou as roupas úmidas e apareceu com uma carta, que lhes estendeu.

A carta era de fato endereçada a elas, mas escrita em francês. As irmãs encostaram a cabeça uma na outra e a leram. Dizia o seguinte:

> *Senhoras!*
> *Lembram-se de mim? Ah, quando penso nas senhoras meu coração se enche de lírios do vale! Será a lembrança da devoção de um francês capaz de comover seus corações a ponto de salvar a vida de uma francesa?*
>
> *A portadora desta carta, Madame Babette Hersant, como minha linda imperatriz em pessoa, teve de fugir de Paris. A guerra civil assola nossas ruas. Mãos de franceses têm derramado sangue francês. Os nobres* communards*, em defesa dos Direitos do Homem, foram esmagados e aniquilados. O marido e o filho de Madame Hersant, ambos eminentes cabeleireiros femininos, foram fuzilados. Ela mesma foi presa como uma* pétroleuse[1] *e escapou por pouco das mãos sanguinárias do general Galliffet. Perdeu todas suas as posses e não ousa permanecer na França.*
>
> *Um sobrinho dela é cozinheiro a bordo do Anna Colbioernsson, com destino a Cristiânia (que é, segundo creio, a capital da Noruega), e conseguiu uma oportunidade de embarcar sua tia. É agora seu último e triste recurso!*
>
> *Sabendo que fui outrora um visitante de seu magnífico país, vem até mim, perguntando se tenho conhecimento de alguma boa gente na Noruega, e me suplica que, se tal for o caso, lhe forneça uma carta para essas pessoas. Estas duas palavras, "boa gente", imediatamente trouxeram-me diante dos olhos sua imagem, sagrada para meu coração. Eu a confio às senhoras. Como fará para chegar de Cristiânia a Berlevaag, não tenho ideia, tendo esquecido o mapa da Noruega. Mas é uma francesa e descobrirão que, mesmo em sua miséria, ainda encontra desembaraço, grandeza e estoicismo.*
>
> *Invejo-a em seu desespero: ela se verá diante de seus rostos.*

Quando a receberem misericordiosamente, enviem um pensamento misericordioso para mim na França.

Por quinze anos, senhorita Philippa, lamentei que sua voz não houvesse enchido a Grand Opéra de Paris. Quando, esta noite, penso na senhora, sem dúvida cercada por uma família feliz e amorosa, e em mim, velho, solitário, esquecido pelos que outrora me aplaudiram e adoraram, sinto que deve ter escolhido a melhor parte da vida. O que é a fama? O que é a glória? O túmulo nos aguarda a todos!

E ainda assim, minha Zerlina perdida, e ainda assim, soprano das regiões geladas!, à medida que escrevo, sinto que o túmulo não é o fim. No Paraíso, ouvirei sua voz novamente. Lá a senhora cantará, sem medos ou escrúpulos, como Deus quis que cantasse. Lá será a grande artista que Deus planejou. Ah, como encantará os anjos.

Babette sabe cozinhar.

Dignem-se receber, minhas senhoras, a humilde homenagem do amigo de outrora,

ACHILLE PAPIN

No pé da página, a título de P.S., iam desenhados com capricho os dois primeiros compassos do dueto entre Don Giovanni e Zerlina, assim:

As duas irmãs, até o momento, contavam apenas com uma pequena empregada de quinze anos para ajudá-las na casa e sentiam que não podiam se dar ao luxo de contratar uma governanta mais velha e experiente. Mas Babette afirmou que serviria a boa gente de Monsieur Papin de graça e que não aceitaria trabalhar para mais ninguém. Se a mandassem embora, provavelmente morreria. Babette permaneceu na casa das filhas do deão por doze anos, até a época desta história.

V. NATUREZA-MORTA

Babette chegara exaurida e com olhar esgazeado, como um animal sendo caçado, mas, em seu novo ambiente de cordialidade, logo adquiriu a aparência de uma criada confiável e respeitável. Antes, parecera uma mendiga; agora, mostrava-se uma conquistadora. As feições serenas e o olhar firme e profundo tinham qualidades magnéticas; sob seus olhos, as coisas se moviam, sem fazer ruído, para o lugar apropriado.

As donas da casa, no início, estremeceram levemente, tal como o deão, no passado, ante a ideia de acolher uma papista sob seu teto. Mas não lhes agradava aborrecer sua semelhante, uma criatura que passara por tão duras provações, com catequizações; tampouco estavam muito seguras do próprio francês. Tacitamente concordaram que o exemplo de uma boa vida luterana seria o melhor meio de converter a criada. Desse modo, a presença de Babette na casa tornou-se, por assim dizer, um aguilhão moral para suas moradoras.

Desconfiaram da afirmativa de Monsieur Papin de que Babette podia cozinhar. Na França, elas sabiam, as pessoas comiam rãs. Mostraram a Babette como preparar o bacalhau seco e uma sopa de cerveja com pão; durante a demonstração, o rosto da francesa ficou absolutamente impassível. Mas em uma semana Babette preparava bacalhau seco e sopa de cerveja com pão tão bem quanto qualquer um nascido e criado em Berlevaag.

A ideia do luxo e da extravagância dos franceses foi o ponto seguinte a causar alarme e apreensão às filhas do deão. No primeiro dia em que Babette ficou a seu serviço, chamaram-na e explicaram-lhe que eram pobres e que, para elas, comidas sofisticadas eram pecado. A alimentação delas tinha de ser o mais simples possível; eram os panelões de sopa e cestas para os pobres que importavam. Babette balançou a cabeça; quando menina, informou às senhoras, fora cozinheira de um velho padre que era um santo. Ao ouvir isso, as irmãs resolveram suplantar o padre francês em ascetismo. E logo descobriram que, a partir do dia em que Babette encarregou-se da administração da casa, seus gastos foram milagrosamente reduzidos e as panelas de sopa e cestas adquiriram um poder novo e misterioso de estimular e fortalecer os pobres e enfermos.

O mundo do lado de fora da casa amarela também tomou conhecimento dos dotes de Babette. A refugiada jamais aprendeu a falar a língua de seu novo país, mas com seu norueguês estropiado pechinchava preços com os mais empedernidos comerciantes de Berlevaag. Era tida com admiração no cais e na praça do mercado.

Os velhos irmãos e irmãs, que de início olharam com desconfiança

para a estrangeira em seu meio, perceberam a feliz mudança na vida das irmãzinhas e rejubilaram-se com isso e disso tiraram proveito. Descobriram que os problemas e preocupações haviam desaparecido como que por encanto da existência delas e que agora tinham dinheiro para dar, tempo para as queixas e confidências dos velhos amigos e paz para meditar sobre assuntos celestiais. Com o correr do tempo, não foram poucos os irmãos e irmãs que incluíram o nome de Babette em suas orações, agradecendo a Deus pela silenciosa estrangeira, a trigueira Marta na casa das duas claras Marias. A pedra que os construtores quase recusaram tornara-se a pedra angular.

As senhoras da casa amarela eram as únicas a saber que sua pedra fundamental apresentava uma característica misteriosa e alarmante, como que de certo modo relacionada à pedra preta de Meca, à própria Caaba.

Dificilmente Babette fazia referência à sua vida pregressa. Quando, nos primeiros dias, as irmãs gentilmente prestaram-lhe as condolências por suas perdas, tiveram contato com aquela grandeza e estoicismo sobre os quais Monsieur Papin havia escrito. “O que as senhoras queriam?”, respondera, dando de ombros. “É o destino.”

Mas um dia, inesperadamente, informou-as que por muitos anos tivera um bilhete da loteria francesa e que um amigo fiel em Paris continuava a renová-lo para ela todos os anos. Uma hora, podia ganhar o *grand prix* de dez mil francos. Ao ouvir isso, sentiram que a velha bolsa de tapete de sua cozinheira era feita de um tapete mágico; num dado momento, ela poderia montá-la e ser levada para longe, de volta a Paris.

E acontecia de Martine ou Philippa falarem com Babette e não obterem resposta e ficarem se perguntando se ao menos ela ouvira o que haviam dito. Encontravam-na na cozinha, os cotovelos fincados na mesa e as têmporas nas mãos, perdida no estudo de um pesado livro negro que secretamente suspeitavam ser um livro de orações papista. Ou então ela se sentava imóvel na cadeira de três pernas da cozinha, com as fortes mãos no colo e os olhos escuros bem abertos, tão enigmática e fatal quanto uma pitonisa em sua trípode. Em momentos como esses, percebiam que Babette era profunda e que no abismo de seu ser havia paixões, havia lembranças e desejos sobre os quais nada sabiam.

Um pequeno calafrio percorreu-as e bem lá no fundo pensaram: “Quem sabe afinal de contas não tenha sido de fato uma *pétroleuse*”.

VI. A BOA SORTE DE BABETTE

O dia 15 de dezembro teria sido o centésimo aniversário do deão.

Suas filhas havia muito ansiavam por esse dia e desejavam celebrá-lo, como se seu estimado pai estivesse ainda entre os discípulos. Assim, foi triste e incompreensível que naquele ano a discórdia e a dissensão houvessem surgido entre o rebanho. Envidaram esforços para obter paz, mas estavam cientes de que haviam fracassado. Era como se o admirável e afetuoso vigor da personalidade de seu pai tivesse evaporado, assim como o analgésico de Hoffmann se deixado na prateleira numa garrafa sem rolha. E sua partida deixara a porta entreaberta para coisas até então desconhecidas das duas irmãs, muito mais jovens do que os filhos espirituais de seu pai. De um passado meio século distante, quando as ovelhas sem pastor haviam se extraviado pelas montanhas, hóspedes sinistros, nos calcanhares dos devotos, aproveitaram a brecha para penetrar sem serem convidados e lançaram sobre os pequenos cômodos frio e escuridão. Pecados dos velhos irmãos e irmãs vieram à tona com um remorso tardio e excruciante como dor de dente, e pecados de outros contra eles com o ressentimento amargo do sangue envenenado.

Havia na congregação duas velhas senhoras que antes da conversão haviam se difamado mutuamente, tendo assim arruinado os respectivos casamentos e uma herança. Agora, eram incapazes de se lembrar de acontecimentos do dia anterior ou de uma semana antes, mas não esqueciam esse agravo de quarenta anos no passado e continuavam a remoer antigas histórias, rosnando uma para a outra. Havia um velho irmão que subitamente se lembrou de como outro irmão, quarenta e cinco anos antes, o tapeara num negócio; talvez houvesse desejado apagar o assunto de sua mente, mas aquilo permanecia cravado ali como uma ferida purulenta. Havia um velho e honrado comandante de navio e uma viúva enrugada e devota que, na juventude, quando ela era esposa de outro homem, haviam sido amantes. Ultimamente, ambos começaram a se afligir, enquanto tiravam o fardo da culpa dos próprios ombros e o jogavam um sobre o outro, para depois assumi-lo novamente, preocupando-se com as possíveis consequências terríveis, por toda a eternidade, para si mesmos, provocadas pela pessoa que no passado juraram amar. Ficavam muito pálidos durante as reuniões na casa amarela e evitavam o olhar um do outro.

À medida que a comemoração se aproximava, Martine e Philippa sentiam cada vez mais o peso da responsabilidade. Iria o pai que sempre lhes fora fiel olhar para as filhas lá de cima e considerá-las anfitriãs injustas? Discutiam bastante o assunto entre si e repetiam as

palavras de seu pai: que os caminhos do Senhor correm até pelo mar salgado e pelas montanhas cobertas de neve, onde o olhar do homem não enxerga nenhum rastro.

Certo dia, nesse verão, o correio trouxe uma carta da França para Madame Babette Hersant. Era uma coisa em si mesma surpreendente, pois ao longo de doze anos Babette jamais recebera carta alguma. As senhoras perguntavam-se o que poderia ela conter. Levaram-na à cozinha para vê-la abrir e ler a carta. Babette a abriu, leu, ergueu os olhos do papel para o rosto das duas mulheres e disse-lhes que saíra seu número na loteria francesa. Ela havia ganho dez mil francos.

A notícia causou tal impressão nas duas irmãs que ao longo de todo um minuto foram incapazes de dizer palavra. Elas mesmas estavam acostumadas a receber sua pensão modesta em pequenas parcelas; era-lhes difícil até imaginar a quantia de dez mil francos de uma vez. Então apertaram a mão de Babette, suas próprias mãos ligeiramente trêmulas. Nunca haviam apertado a mão de uma pessoa que um minuto antes entrara em posse de dez mil francos.

Após alguns instantes, deram-se conta de que aquele acontecimento dizia respeito tanto a elas quanto a Babette. A nação francesa, sentiam, assomava lentamente no horizonte da criada e, de modo correspondente, a própria existência delas afundava-lhes sob os pés. Os dez mil francos que a tornaram rica… quão pobre não tornaram a casa na qual servira! Uma a uma, antigas ansiedades e preocupações esquecidas começaram a botar as cabecinhas para fora e espiá-las dos quatro cantos da cozinha. As felicitações morriam em seus lábios e as duas senhoras devotas envergonhavam-se do próprio silêncio.

Ao longo dos dias seguintes, anunciaram a notícia para os amigos com alegria estampada no rosto, mas fazia-lhes bem ver o rosto desses amigos ganhar uma expressão triste à medida que a escutavam. Ninguém – era o sentimento geral da irmandade – podia realmente pôr a culpa em Babette: pássaros regressam a seus ninhos e seres humanos ao país onde nasceram. Mas será que a boa e fiel criada se dava conta de que partindo de Berlevaag estaria deixando tanta gente velha e pobre mergulhada em aflição? Suas caras irmãzinhas não teriam mais tempo para os enfermos e desvalidos. Sem sombra de dúvida, loterias eram uma coisa blasfema.

No devido tempo, o dinheiro chegou por escritórios de Cristiânia e Berlevaag. As duas senhoras ajudaram Babette a contá-lo e deram-lhe uma caixa para guardá-lo. Manusearam e ganharam familiaridade com os agourentos maços de papel.

Não ousavam perguntar a Babette sobre a data de sua partida. Ousariam esperar que permanecesse com elas até o dia 15 de dezembro?

As donas da casa nunca sabiam muito bem até que ponto a

cozinheira acompanhava ou compreendia suas conversas particulares. Assim, ficaram surpresas quando, numa noite de setembro, Babette entrou na sala de visitas, mais humilde ou submissa do que jamais a viram, para pedir um favor. Rogava, disse, que a deixassem preparar um jantar de comemoração para o aniversário do deão.

Não fora intenção das senhoras que houvesse jantar algum. Uma ceia muito simples com uma xícara de café era a refeição mais suntuosa à qual já haviam levado qualquer convidado a sentar. Mas os olhos negros de Babette eram ansiosos e suplicantes como os de um cachorro; concordaram em que fizesse as coisas do seu jeito. Ao ouvir isso, o rosto da cozinheira se iluminou.

Mas tinha mais a dizer. Queria, disse, fazer um jantar francês, um autêntico jantar francês, dessa única vez. Martine e Philippa olharam uma para a outra. Não gostaram da ideia; pressentiam que não sabiam o que aquilo poderia implicar. Mas a própria estranheza do pedido as desarmou. Não tiveram argumentos com que fazer frente à proposta de preparar um autêntico jantar francês.

Babette soltou um profundo suspiro de felicidade, mas continuou imóvel. Tinha ainda uma prece a fazer. Rogava às donas da casa que lhe permitissem pagar o jantar francês com o próprio dinheiro.

"Não, Babette!", exclamaram as senhoras. Como podia imaginar uma coisa dessas? Acreditava ela que lhe permitiriam gastar seu precioso dinheiro com comida e bebida… ou com elas? Não, Babette, de jeito nenhum.

Babette deu um passo à frente. Havia algo de formidável nesse movimento, como uma onda se avolumando. Teria ela arremetido dessa forma, em 1871, para fincar uma bandeira vermelha numa barricada? Falou, em seu esquisito norueguês, com a clássica eloquência francesa. Sua voz era como uma canção.

Senhoras! Alguma vez, nesses doze anos, pedira algum favor? Não! E por que não? As senhoras, que elevam suas preces todos os dias, conseguem imaginar o que significa para um coração humano não ter prece alguma a fazer? Para o que Babette oraria? Nada! Esta noite, tinha uma prece a fazer, do fundo de seu coração. Não sentem esta noite, minhas senhoras, ser sua incumbência condescender-lhe com a mesma alegria com que o bom Deus tem condescendido a elas?

As mulheres, por um minuto, nada disseram. Babette tinha razão; era a primeira coisa que pedia em doze anos; muito provavelmente seria a última. Refletiram um pouco. Afinal, disseram a si mesmas, a cozinha deles era melhor que a delas e um jantar não faria diferença para uma pessoa que possuía dez mil francos.

Seu consentimento enfim mudou Babette completamente. Perceberam que na juventude fora uma linda mulher. E ficaram imaginando se nessa hora elas próprias não haviam, pela primeira vez,

se tornado para ela a “boa gente” da carta de Achille Papin.

VII. A TARTARUGA

Em novembro, Babette saiu de viagem.

Disse às donas da casa que tinha alguns preparativos para fazer e precisaria de uma folga de uma semana ou dez dias. O sobrinho, que outrora a levara até Cristiânia, continuava a passar pela cidade em seu navio; tinha de vê-lo e conversar alguns assuntos com ele. Babette era péssima marinheira; contava sobre sua única viagem marítima, da França à Noruega, como a experiência mais terrível de sua vida. Agora estava estranhamente controlada; as mulheres sentiam que seu coração já se achava na França.

Dez dias depois, voltou a Berlevaag.

Conseguira fazer os arranjos conforme desejara?, perguntaram as duas. Sim, respondeu, havia se encontrado com o sobrinho e lhe passado uma lista de artigos para trazer da França. Para Martine e Philippa, aquilo era uma declaração obscura, mas não queriam se afligir em falar de sua partida, de modo que não fizeram mais perguntas.

Babette ficou um pouco nervosa ao longo das semanas seguintes. Mas, certo dia, em dezembro, anunciou triunfante às patroas que os artigos haviam chegado em Cristiânia, de lá foram baldeados e, nesse exato dia, tinham chegado a Berlevaag. E, acrescentou, havia combinado com um velho senhor com um carrinho de mão para transportá-los do porto até a casa.

Mas que artigos, Babette?, perguntaram as senhoras. Ora, madames, replicou Babette, os ingredientes do jantar de aniversário. Louvado seja Deus, chegaram todos em bom estado de Paris.

A essa altura, Babette, como o gênio engarrafado do conto de fadas, inchara e crescera numa dimensão tal que as donas da casa sentiram-se pequenas diante dela. Viam agora o jantar francês vindo em sua direção, uma coisa de natureza e alcance incontroláveis. Mas jamais em suas vidas haviam quebrado uma promessa; entregaram-se às mãos de sua cozinheira.

Mesmo assim, quando Martine viu um carrinho de mão abarrotado de garrafas entrando pela cozinha, ficou paralisada. Tocou-as e ergueu uma delas. “O que é isto na garrafa, Babette?”, perguntou em voz baixa. “Seria vinho?” “Vinho, madame!?”, retrucou Babette. “Não, madame. É um Clos Vougeot 1846!” Após um minuto, acrescentou: “De Philippe, na Rue Montorgueil!”. Martine jamais suspeitara que vinhos pudessem ter nome, então ficou em silêncio.

Mais para o final da tarde, abriu a porta ao ouvir o sino da campainha e novamente viu-se diante do carrinho de mão, dessa vez com um pequeno marujo ruivo atrás dele, como se o velho houvesse a

essa altura ficado exausto. O jovem sorriu para ela conforme erguia um objeto grande, indefinível, do carrinho. À luz do lampião, parecia um tipo de pedra verde-escura, mas ao ser pousada no chão da cozinha, subitamente pôs para fora uma cabeça em forma de serpente e moveu-se ligeiramente de um lado a outro. Martine já vira desenhos de tartarugas e chegara até a possuir uma tartaruga de estimação, quando criança, mas aquela coisa era de um tamanho monstruoso, terrível de se olhar. Retrocedeu da cozinha sem emitir uma palavra.

Não ousava contar à irmã o que vira. Passou a noite praticamente insone; pensava no pai e sentia que justo na noite de seu aniversário ela e a irmã cediam sua casa para um sabá de bruxas. Quando enfim pegou no sono, teve um sonho terrível, em que via Babette envenenando os velhos irmãos e irmãs, Philippa e ela própria.

Bem cedo de manhã ela se levantou, vestiu sua capa cinza e saiu para a rua escura. Caminhou de casa em casa, abriu o coração para os irmãos e irmãs e confessou sua culpa. Ela e Philippa, disse, não tiveram má intenção; haviam condescendido com uma prece de sua criada e não previram o que poderia advir daquilo. Agora não saberia dizer o que, no aniversário do pai, seria servido aos convidados para comer e beber. Não mencionou de fato a tartaruga, mas era algo presente em seu rosto e sua voz.

A gente mais velha, como já se contou, conhecia Martine e Philippa desde garotinhas; haviam-nas visto chorar amargamente por causa de uma boneca quebrada. As lágrimas de Martine trouxeram lágrimas a seus próprios olhos. Reuniram-se à tarde e conversaram sobre o problema.

Antes de se separar outra vez, prometeram uns aos outros que, em nome de suas irmãzinhas, iriam, no grande dia, manter silêncio quanto a qualquer tipo de comida ou bebida. Nada que pudesse ser posto diante deles, fossem rãs ou lesmas, arrancaria uma palavra de seus lábios.

“Mesmo assim”, disse um irmão de barbas brancas, “a língua é um pequeno membro e jacta-se de grandes coisas. Não nasceu homem capaz de domá-la; é um demônio rebelde, cheio de veneno mortífero. No dia de nosso mestre, limparemos nossas línguas de todo paladar e as purificaremos de todo prazer ou aversão dos sentidos, resguardando-as e preservando-as para coisas mais elevadas de louvor e ação de graças.”

Tão poucas coisas já haviam acontecido na tranquila existência da irmandade de Berlevaag que se sentiram nesse momento profundamente comovidos e elevados. Apertaram as mãos sobre sua promessa solene e foi como se o estivessem fazendo diante do rosto do mestre.

VIII. O HINO

No domingo de manhã, começou a nevar. Os alvos flocos caíam rápidos e espessos; as pequenas vidraças da casa amarela ficaram forradas de neve.

Mais cedo nesse dia um cavalariço vindo de Fossum trouxe um bilhete às duas irmãs. A velha senhora Loewenhielm ainda residia em sua casa de campo. Estava agora com noventa anos de idade e surda como uma porta, e perdera todo o sentido do olfato ou do paladar. Mas fora uma das primeiras seguidoras do deão e nem sua enfermidade, nem a viagem de trenó impediriam-na de honrar sua memória. Agora, escrevia, o sobrinho, general Lorens Loewenhielm, aparecera inesperadamente para uma visita; falara com profunda veneração do deão e a mulher rogava permissão para levá-lo junto. Faria-lhe bem, pois o caro rapaz parecia um pouco deprimido.

Martine e Philippa, ao ler aquilo, lembraram-se do jovem oficial e de suas visitas; era um alívio para sua ansiedade presente falar a respeito dos velhos dias felizes. Escreveram de volta para dizer que o general Loewenhielm seria bem-vindo. Também chamaram Babette para informá-la que agora seriam doze para o jantar; acrescentaram que o último convidado vivera em Paris por vários anos. Babette pareceu feliz com a notícia e assegurou-lhes que a comida seria suficiente.

As anfitriãs fizeram seus pequenos preparativos na sala de visitas. Não ousavam pôr o pé na cozinha, pois Babette arranjara misteriosamente um ajudante de um navio do porto – o mesmo rapaz, percebeu Martine, que trouxera a tartaruga – para auxiliá-la na cozinha e servir à mesa, de modo que agora a mulher morena e o rapaz ruivo, como uma bruxa com seu demônio familiar, haviam tomado posse daquelas paragens. As duas senhoras não saberiam dizer que chamas queimavam ou que caldeirões borbulhavam ali desde antes do amanhecer.

Toalhas e guardanapos e jogos de pratos haviam sido magicamente passados pela calandra uns e polidos outros, trouxeram-se copos e garrafas para servir licores, só Babette sabia de onde. A casa do deão não possuía doze cadeiras na sala de jantar, então o comprido sofá de crina de cavalo fora trazido da sala de estar, que, sempre escassamente mobiliada, agora parecia estranhamente grande e desguarnecida sem ele.

Martine e Philippa fizeram o melhor possível para embelezar os domínios deixados a elas. Fossem quais fossem os apertos que pudessem estar à espera de seus convidados, em todo caso ao menos não passariam frio; por todo o dia, as irmãs alimentaram o imenso

aquecedor com tocos de bétula. Penduraram uma coroa de zimbros em torno do retrato do pai na parede e puseram castiçais na pequena mesa de costura de sua mãe, sob ele; queimaram ramos de zimbro para espalhar um odor agradável pelo ambiente. Nesse ínterim, perguntavam-se se com aquele tempo o trenó vindo de Fossum conseguiria chegar. No fim, arrumaram-se com seus melhores vestidos pretos velhos e os crucifixos de ouro da crisma. Sentaram-se, cruzaram as mãos no colo e se consagraram a Deus.

Os velhos irmãos e irmãs chegaram em pequenos grupos e entraram na sala lenta e solenemente.

O cômodo baixo com seu piso nu e mobília parca era caro aos discípulos do deão. Além de suas janelas ficava o vasto mundo. Visto do lado de dentro, o vasto mundo em sua alvura hibernal era sempre lindamente delineado em rosa, azul e vermelho pela fileira de jacintos nos peitoris. E no verão, quando as janelas estavam abertas, o vasto mundo era emoldurado por cortinas levemente esvoaçantes de branca musselina.

Nessa noite, os convidados foram acolhidos na soleira pelo calor e o cheiro agradável e fitaram o rosto do estimado mestre engrinaldado por sempre-vivas. Seus corações, assim como os dedos adormecidos, se aqueceram.

Um irmão muito idoso, após alguns minutos de silêncio, com a voz trêmula começou a entoar um dos hinos escritos pelo próprio mestre:

> Jerusalém, minha terra feliz,
> nome para mim sempre querido…

Uma a uma, as demais vozes se juntaram, finas e alquebradas vozes de mulheres, guturais vozeirões de velhos confrades e lobos do mar, e acima de todas o límpido soprano de Philippa, um pouco abatido pela idade, mas ainda angelical. Involuntariamente, o coro dera-se as mãos. Cantaram o hino até o fim, mas não conseguiram parar e emendaram mais um:

> Descuida de roupa ou alimento,
> Zeloso, e tanta angústia…

As donas da casa tranquilizaram-se um pouco ao ouvi-lo, e as palavras da terceira estrofe

> Darias uma pedra, um réptil,
> De alimento a teu filho suplicante?…

calaram fundo no coração de Martine, enchendo-a de esperança.

Na metade desse hino, sinos de trenó foram ouvidos do lado de fora;

os convidados de Fossum haviam chegado.

Martine e Philippa foram recebê-los e os acompanharam até a sala de visitas. A senhora Loewenhielm, com a idade, ficara um tanto miúda, com um rosto pálido como pergaminho e bastante impassível. A seu lado, o general Loewenhielm, alto, largo, rubicundo, com seu uniforme brilhante, o peito coberto de condecorações, empertigava-se e cintilava como uma ave ornamental, um faisão dourado ou um pavão, em meio ao austero grupo preto de corvos e gralhas.

IX. O GENERAL LOEWENHIELM

O general Loewenhielm percorrera o trajeto de Fossum a Berlevaag num estranho estado de espírito. Não visitava aquela parte do país havia trinta anos. Viera agora para um descanso de sua atribulada vida na corte, mas não encontrara descanso algum. A velha casa de Fossum era bastante tranquila e parecia de certo modo pateticamente pequena em comparação às Tulherias e ao Palácio de Inverno. Mas havia ali uma figura nada tranquila: o jovem tenente Loewenhielm passeava por seus aposentos.

O general Loewenhielm via a figura bela e esbelta passar diante dele. E, ao fazer isso, o jovem lançava ao homem mais velho um rápido relance de olhos e um sorriso, o sorriso altivo e arrogante que a juventude lança à idade. O general poderia ter sorrido de volta, gentil e um pouco triste, como a idade sorri para a juventude, não fosse o fato de que não estava com a menor disposição para sorrisos; estava, como a tia escrevera, deprimido.

O general Loewenhielm conseguira tudo o que almejara na vida e era admirado e invejado por todos. Somente ele tinha conhecimento de um fato esquisito, que trazia inquietação à sua próspera existência: o de que não era perfeitamente feliz. Alguma coisa estava errada em algum lugar e ele cuidadosamente apalpava o próprio eu espiritual aqui e ali, assim como alguém aperta com o dedo para determinar o local de um espinho profundamente encravado, invisível.

Gozava de grande favor junto à realeza, saíra-se bem em sua vocação, tinha amigos por toda parte. O espinho não estava em nenhum desses lugares.

Sua esposa era uma mulher inteligente e ainda bonita. Talvez negligenciasse um pouco a casa em prol das visitas e festas; trocava de criados de três em três meses e as refeições do general na casa careciam de pontualidade. O general, que tinha a boa comida em alta conta na vida, sentia por isso uma certa amargura contra a mulher e secretamente a culpava pela dispepsia de que às vezes sofria. Ainda assim, o espinho não estava aí, tampouco.

Não, mas uma coisa absurda vinha acontecendo ultimamente com o general Loewenhielm: pegava-se preocupado com sua alma imortal. Haveria alguma razão para que o fizesse? Era uma pessoa de moral, leal a seu rei, sua esposa e seus amigos, um exemplo para todos. Mas havia momentos em que o mundo lhe parecia não uma questão moral, mas mística. Olhava-se no espelho, examinava o monte de condecorações em seu peito e suspirava: “Vaidade, vaidade, tudo é vaidade!”.

O estranho encontro em Fossum impelira-o a fazer o balanço de sua

vida.

O Lorens Loewenhielm jovem atraíra sonhos e fantasias como uma flor atrai abelhas e borboletas. Lutara para se libertar deles; fugira e eles o seguiram. Tivera medo da *huldre* da lenda familiar e declinara de seu convite para acompanhá-la à montanha; rejeitara firmemente o dom da clarividência.

O Lorens Loewenhielm velho pegou-se a desejar que um pequeno sonho cruzasse seu caminho e uma cinzenta mariposa do crepúsculo fosse visitá-lo antes que a noite caísse. Pegou-se desejando a faculdade da clarividência, assim como um cego almeja a faculdade normal da visão.

Pode a soma de inúmeras vitórias em muitos anos e em muitos países constituir uma derrota? O general Loewenhielm cumprira os desejos do tenente Loewenhielm e mais do que satisfizera suas ambições. Podia-se dizer que ganhara o mundo todo. E acontecia agora que o imponente e vivido homem mais velho virava-se para a jovem e ingênua figura a fim de lhe perguntar, gravemente e até com amargura, com que proveito? Em algum lugar alguma coisa se perdera.

Quando a senhora Loewenhielm contara ao sobrinho a respeito do aniversário do deão e ele resolvera acompanhá-la a Berlevaag, sua decisão não se resumira a aceitar um convite para jantar.

Estava determinado, nessa noite, a fazer um ajuste de contas com o Lorens Loewenhielm jovem, que se mostrara uma figura tímida e triste na casa do deão e que, no fim, sacudira o pó das botas de equitação. Deixaria o jovem lhe provar, de uma vez por todas, que trinta e um anos antes tomara a escolha acertada. Os cômodos baixos, o hadoque e o copo d'água na mesa diante dele seriam chamados todos a testemunhar que em seu meio a existência de Lorens Loewenhielm teria se tornado em pouco tempo pura infelicidade.

Deixava sua mente divagar para longe. Em Paris, ganhara certa vez um *concours hippique* e fora aclamado por altos oficiais da cavalaria francesa, entre eles, príncipes e duques. Um jantar em sua homenagem fora dado no restaurante mais elegante da cidade. À sua frente, na mesa, estava uma dama da nobreza, uma famosa beldade a quem havia tempos cortejava. Na metade do jantar, ela erguera os olhos negros aveludados acima da borda de sua taça de champanhe e, sem dizer palavras, prometera-lhe a felicidade. No trenó ele agora de repente lembrava-se de que, por um segundo, vira o rosto de Martine diante dele e o rejeitara. Por uns instantes ficou ouvindo o tilintar dos sininhos do trenó, depois sorriu ligeiramente ao refletir como iria nessa noite dominar as conversas em torno daquela mesma mesa onde o jovem Lorens Loewenhielm se sentara mudo.

Grandes flocos de neve caíam densamente; na esteira do trenó as

marcas sumiam rapidamente. O general Loewenhielm permanecia sentado imóvel ao lado da tia, o queixo afundado no espesso colarinho de pelo de seu casaco.

X. O JANTAR DE BABETTE

Quando o diabinho ruivo de Babette abriu a porta para a sala de jantar e os convidados vagarosamente cruzaram a soleira, soltaram as mãos uns dos outros e ficaram em silêncio. Mas o silêncio foi agradável, pois em espírito continuavam de mãos dadas e cantando.

Babette dispusera uma fileira de velas no centro da mesa; as pequenas chamas lançaram um fulgor sobre os casacos e vestidos pretos e sobre o único uniforme escarlate, refletindo-se nos olhos claros e úmidos.

O general Loewenhielm viu o rosto de Martine à luz das velas assim como o vira quando os dois se separaram, trinta anos antes. Que sinais trinta anos da vida em Berlevaag teriam deixado sobre ele? O cabelo dourado entremeava-se agora com fios prateados; o rosto como de uma flor transformara-se lentamente em alabastro. Mas quão serena era sua fronte, quão tranquilamente confiáveis aqueles olhos, quão pura e doce a boca, como se jamais uma palavra intempestiva houvesse deixado aqueles lábios.

Quando todos estavam sentados, o membro mais velho da congregação disse a oração nas próprias palavras do deão:

> Que meu alimento sustente meu corpo,
> que meu corpo sustente minha alma,
> que minha alma em gestos e palavras
> dê graças por todas as coisas ao Senhor.

À palavra “alimento”, os convidados, com as cabeças velhas inclinadas sobre as mãos cruzadas, lembraram-se de como haviam feito a promessa de não pronunciar uma palavra sobre o assunto e em seu íntimo reforçaram-na: não lhe dedicariam nem mesmo um pensamento! Estavam sentados para fazer uma refeição, certo, assim como as pessoas haviam feito nas bodas de Canaã. E a graça divina escolhera se manifestar ali mesmo, no próprio vinho, tão plena quanto em qualquer outra parte.

O assistente de Babette encheu um pequeno copo diante de cada membro do grupo. Ergueram-nos para os lábios com ar grave, confirmando sua resolução.

O general Loewenhielm, um pouco desconfiado de seu vinho, deu um gole, sobressaltou-se, ergueu o copo primeiro até o nariz e depois na altura dos olhos e o pousou atônito. “Isto é muito estranho!”, pensou. “*Amontillado*! E o melhor *amontillado* que já provei em minha vida.” Após um momento, a fim de testar seus sentidos, tomou uma colherada de sopa, depois uma segunda colherada, e baixou a colher.

“Isto é incrivelmente estranho!”, disse de si para si. “Pois sem dúvida estou tomando sopa de tartaruga… e que sopa de tartaruga!” Foi presa de um tipo esquisito de pânico e esvaziou o copo.

Geralmente, em Berlevaag, as pessoas não falam muito quando estão comendo. Mas de algum modo, nessa noite, as línguas se soltaram. Um velho irmão contou a história de seu primeiro encontro com o deão. Outro, falou sobre o sermão que sessenta anos antes levara-o à conversão. Uma senhora idosa, aquela a quem Martine primeiro confiara sua preocupação, lembrou às amigas como, em todas as aflições, qualquer irmão ou irmã estava pronto para compartilhar o fardo alheio.

O general Loewenhielm, que deveria dominar a conversa à mesa do jantar, relatou que a coleção de sermões do deão era o livro favorito da rainha. Mas quando um novo prato foi servido, ficou em silêncio. “Incrível!”, disse para si mesmo. “É Blinis Demidoff!” Olhou em torno para os comensais. Todos comiam tranquilamente seu Blinis Demidoff, sem o menor traço de surpresa ou aprovação, como se houvessem feito aquilo todos os dias por trinta anos.

Uma irmã do outro lado da mesa introduziu o assunto de estranhos acontecimentos que se passaram quando o deão ainda se encontrava entre seus filhos e que se poderia ousar chamar de milagres. Acaso se lembravam, perguntou, da vez em que prometera fazer um sermão de Natal na cidade do outro lado do fiorde? Por duas semanas, o tempo estivera tão ruim que nenhum capitão ou pescador arriscaria uma travessia. Os moradores da cidadezinha já haviam perdido a esperança, mas o deão lhes disse que se nenhum barco o levasse, iria até eles caminhando por sobre as ondas. E não é que três dias antes do Natal a tempestade amainou e uma densa camada de gelo cobriu as águas do fiorde de costa a costa – e isso foi algo que jamais acontecera antes, até onde todos se lembravam!

O rapaz mais uma vez encheu os copos. Dessa vez, os irmãos e irmãs sabiam que aquilo que lhes era servido não era vinho, pois borbulhava. Devia ser algum tipo de limonada. A limonada harmonizou-se com o estado de espírito exaltado de todos e pareceu erguê-los do solo, para uma esfera mais elevada e pura.

O general Loewenhielm mais uma vez baixou o copo, virou-se para o vizinho da direita e disse: “Mas sem dúvida trata-se de um Veuve Clicquot 1860, não?”. O homem lançou-lhe um olhar benévolo, sorriu e fez uma observação sobre o tempo.

O ajudante de Babette tinha suas instruções; enchia os copos da irmandade apenas uma vez, mas voltava a encher o copo do general assim que esvaziava. O general o esvaziava rapidamente vez após outra. Afinal, como deve se portar um homem de bom senso quando não pode confiar em seus sentidos? Melhor ficar bêbado do que louco.

Na maioria das vezes, os moradores de Berlevaag, no transcorrer de uma boa refeição, sentiam-se um pouco pesados. Nessa noite não foi assim. Os convivas sentiam-se cada vez mais leves, e de espírito mais leve, quanto mais comiam e bebiam. Já não precisavam mais lembrar-se de sua promessa. Era, percebiam, quando o homem não só esquecia completamente, como também rejeitava firmemente toda ideia de alimento e bebida que ele comia e bebia no espírito certo.

O general Loewenhielm parou de mastigar e ficou imóvel. Mais uma vez viu-se levado de volta àquele jantar em Paris do qual se lembrara no trenó. Um prato incrivelmente refinado e saboroso fora servido na ocasião; ele perguntara o nome para um colega ao lado, o coronel Galliffet, e o coronel explicou-lhe sorridente que se chamava "Cailles en Sarcophage". Posteriormente, contou-lhe que o prato fora criado pelo *chef* daquele mesmo café onde jantavam, uma pessoa conhecida por toda Paris como o maior gênio culinário da época, e – o mais surpreendente – uma mulher! "E de fato", disse o coronel Galliffet, "essa mulher está transformando um jantar no Café Anglais numa espécie de envolvimento amoroso – num envolvimento amoroso daquela categoria nobre e romântica na qual a pessoa não mais distingue entre apetite ou saciedade, corporal e espiritual! Já tive oportunidade, certa feita, de duelar em nome de uma bela dama. Por nenhuma mulher em toda Paris, meu jovem amigo, eu derramaria meu sangue de mais boa vontade!" O general Loewenhielm virou-se para o comensal à esquerda e disse: "Mas isto é Cailles en Sarcophage!". O vizinho, que estivera escutando a descrição de um milagre, fitou-o distraidamente, balançou a cabeça e respondeu: "Sim, sim, decerto. O que mais poderia ser?".

Dos milagres do mestre, a conversa em torno da mesa enveredara para os milagres menores de bondade e obsequiosidade realizadas pelas suas filhas. O velho irmão que entoara o hino primeiro citou o deão dizendo: "As únicas coisas que devemos levar conosco desta vida terrena são as que doamos!". Os convivas sorriram – que ricaças não seriam as pobres e simples donzelas no próximo mundo!

O general Loewenhielm não se espantava mais com nada. Quando, poucos minutos depois, viu uvas, pêssegos e figos frescos diante de si, riu para o comensal do outro lado da mesa e observou: "Que uvas lindas!". O vizinho replicou: "E chegaram ao vale de Escol; lá cortaram um ramo de videira com um cacho de uvas que levaram sobre uma vara".

Então o general sentiu que era hora de fazer um discurso. Ficou de pé e aprumou-se todo.

Ninguém mais à mesa do jantar se levantara para falar. A gente velha ergueu os olhos para o rosto lá no alto com uma expectativa grande e feliz. Estavam acostumados a ver marinheiros e vagabundos

caindo de bêbados com o grosseiro gim da terra, mas não reconheciam num guerreiro e cortesão a intoxicação provocada pelo vinho mais nobre do mundo.

XI. O DISCURSO DO GENERAL LOEWENHIELM

"A misericórdia e a verdade, meus amigos, encontraram uma à outra", disse o general. "A retidão e a bem-aventurança devem beijar uma à outra."

Falava com uma voz límpida que fora exercitada em campos de treinamento militar e ecoara agradavelmente em salões da realeza e, mesmo assim, falava de uma maneira tão nova para si mesmo e tão estranhamente comovente que ao final da primeira frase teve de fazer uma pausa. Pois era seu hábito formar os discursos com cuidado, consciente de seu propósito, mas aqui, em meio à congregação simples do deão, era como se toda a figura do general Loewenhielm, o peito coberto de condecorações, não fosse senão a porta-voz de uma mensagem destinada a vir a público.

"O homem, meus amigos", disse o general Loewenhielm, "é frágil e tolo. A todos já nos foi dito que a graça divina encontra-se por todo o universo. Mas em nossa tolice e miopia humanas, imaginamos ser a graça finita. Por esse motivo, trememos…" Nunca, até aquele momento, o general afirmara que tremia; ficou genuinamente surpreso e até chocado de ouvir a própria voz proclamar o fato. "Trememos antes de fazer nossas escolhas na vida e após tê-las feito trememos de medo de ter escolhido errado. Mas eis que chega o momento em que nossos olhos estão abertos e vemos e percebemos que a graça é infinita. A graça, meus amigos, não exige nada de nós senão que a aguardemos com confiança e a reconheçamos com gratidão. A graça, irmãos, não impõe condições e não escolhe nenhum de nós em particular; a graça nos toma a todos em seu seio e proclama anistia geral. Vejam! Aquilo que escolhemos nos é dado e aquilo que recusamos nos é igualmente, e ao mesmo tempo, concedido. Sim, que o que rejeitamos seja copiosamente vertido sobre nós. Pois que a misericórdia e a verdade encontraram uma à outra e a retidão e a bem-aventurança beijaram uma à outra!"

Os irmãos e irmãs não compreenderam inteiramente o discurso do general, mas seu rosto sereno e inspirado e o som de palavras bem conhecidas e estimadas capturou e comoveu todos os corações. Dessa maneira, após trinta e um anos, o general Loewenhielm triunfara em dominar a conversa à mesa de jantar do deão.

Sobre o que aconteceu mais tarde nessa noite, nada concreto pode ser afirmado. Nenhum dos convidados dali em diante guardou qualquer lembrança clara disso. Só sabiam que os aposentos da casa se encheram com uma luz celestial, como se inúmeros pequenos halos houvessem se misturado numa única e gloriosa radiância. Um bando de velhos taciturnos adquiriu o dom da glossolalia; ouvidos que por

anos estiveram quase surdos abriram-se para ela. O próprio tempo fundiu-se na eternidade. Muito depois da meia-noite as janelas da casa brilhavam como ouro e canções douradas fluíam através da janela invernal.

As duas senhoras idosas que outrora haviam se difamado mutuamente agora em seus espíritos retrocediam muitos anos no passado, além do período malévolo ao qual estavam presas, aos dias da mais tenra infância quando, juntas, preparavam-se para a crisma e de mãos dadas haviam enchido as ruas de Berlevaag com cantorias. Um irmão na congregação deu em outro um soco nas costelas, como um bruto afago entre rapazes, e exclamou: “Você me tapeou com aquela madeira, seu patife!”. O irmão assim abordado quase desmaiou numa sublime explosão de risadas, mas as lágrimas corriam-lhe dos olhos. “Sim, eu fiz isso, amado irmão”, respondeu. “Eu fiz isso.” O Comandante Halvorsen e Madame Oppergaarden de repente viram-se bem juntos um do outro num canto e trocaram um longo, longo beijo, para o qual o romance incerto e secreto da juventude jamais lhes dera tempo.

O rebanho do velho deão era gente humilde. Quando, mais tarde em suas vidas, pensaram nessa noite, nunca lhes ocorreu, a nenhum deles, que pudessem ter se exaltado por mérito próprio. Percebiam que a graça infinita sobre a qual o general Loewenhielm falara fora-lhes outorgada e nem mesmo se espantaram com o fato, pois se tratara da concretização de uma esperança sempre presente. As vãs ilusões deste mundo haviam se desmanchado diante de seus olhos como fumaça e viram o universo como realmente é. Foram agraciados com uma hora do milênio.

A velha senhora Loewenhielm foi a primeira a sair. O sobrinho a acompanhou e suas anfitriãs iluminaram o caminho para eles. Enquanto Philippa ajudava a velha senhora com os inúmeros agasalhos, o general tomou a mão de Martine e a segurou por longo tempo sem dizer palavra. Finalmente, falou:

“Tenho estado com você todos os dias de minha vida. Sabe, não sabe, que tem sido assim?”.

“Sei”, disse Martine, “sei que tem sido assim.”

“E”, prosseguiu ele, “estarei com você por todos os dias que ainda me restarem. Todas as noites me sentarei, se não em carne e osso, que nada significam, em espírito, que é tudo, para jantarmos juntos, como esta noite. Pois esta noite descobri, querida irmã, que neste mundo tudo é possível.”

“Sim, assim é, querido irmão”, disse Martine. “Neste mundo, tudo é possível.”

Com isso, separaram-se.

Quando enfim o grupo se dispersou, a neve cessara. A cidade e as

montanhas exibiam um esplendor branco, sobrenatural, e o céu cintilava com milhares de estrelas. Na rua a neve era tão profunda que ficava difícil caminhar. Os convidados da casa amarela bambeavam em seus pés, cambaleavam, sentavam-se abruptamente ou caíam adiante sobre os joelhos e as mãos, ficando cobertos de neve, como se tivessem de fato lavado os pecados e os deixado brancos como lã, e nesse inocente traje recuperado saltitassem como cordeirinhos. Foi um júbilo, para cada um deles, ter se tornado uma criança pequena. Foi também uma abençoada piada observar os velhos irmãos e irmãs, que se levavam tão a sério, naquela espécie de segunda infância celeste. Tropeçavam e ficavam de pé, seguiam caminhando ou estacavam, as mãos dadas no corpo e no espírito, por alguns momentos formando a grande corrente de *lanciers* beatíficos.

"Deus abençoe, Deus abençoe, Deus abençoe", como uma reverberação da harmonia das esferas, ecoava de todos os lados.

Martine e Philippa permaneceram por um longo tempo nos degraus de pedra do lado de fora da casa. Não sentiam frio. "As estrelas estão mais próximas", disse Philippa.

"E vão ficar todas as noites", disse Martine, calmamente. "É bem possível que não neve nunca mais."

Nisso, contudo, estava enganada. Uma hora mais tarde começou a nevar outra vez e foi uma nevasca forte como jamais se vira em Berlevaag. Na manhã seguinte, as pessoas mal conseguiram abrir as portas de tão altos que estavam os montes de neve. As janelas das casas tinham uma camada tão espessa, como se contou por anos a fio depois disso, que muitos pacatos cidadãos do lugar não perceberam o alvorecer e continuaram a dormir até bem tarde nesse dia.

XII. A GRANDE ARTISTA

Quando Martine e Philippa trancaram a porta, lembraram-se de Babette. Uma pequena onda de ternura e compaixão as percorreu: só Babette não compartilhara nem um pouco do êxtase daquela noite.

Assim, foram até a cozinha, e Martine disse para Babette: “Foi um jantar muito bom, Babette”.

Seus corações subitamente enchiam-se de gratidão. Perceberam que nenhum dos convidados dissera uma única palavra sobre a comida. Na verdade, por mais que tentassem, eles mesmos não conseguiriam se lembrar de nenhum dos pratos que foram servidos. Martine recordou-se da tartaruga. Não era o que pareceu então e agora lhe parecia muito vago e distante; era bem possível que tudo não passasse de um pesadelo.

Babette estava sentada no cepo de cortar, cercada por mais panelas escuras e engorduradas do que as donas da casa já haviam visto em toda a vida. Estava tão pálida e morta de cansaço quanto na noite em que apareceu pela primeira vez, desmaiando na soleira da porta.

Após um longo tempo, fitou-as diretamente e disse: “Eu fui cozinheira no Café Anglais”.

Martine disse outra vez: “Todos acharam o jantar muito bom”. E quando Babette não disse uma palavra, acrescentou: “Vamos nos lembrar desta noite quando você tiver ido embora para Paris, Babette”.

Babette disse: “Não vou para Paris”.

“Não vai voltar para Paris?”, exclamou Martine.

“Não”, disse Babette. “O que vou fazer em Paris? Todo mundo se foi. Perdi todos eles, madames.”

Os pensamentos das irmãs dirigiram-se a Monsieur Hersant e seu filho, e disseram: “Ai, pobre Babette”.

“É, todo mundo se foi”, disse Babette. “O duque de Morny, o duque de Decazes, o príncipe Narinshkine, o general Galliffet, Aurélian Scholl, Paul Daru, a princesa Pauline! Todos eles!”

Os estranhos nomes e títulos de pessoas perdidas para Babette confundiram ligeiramente as duas senhoras, mas havia uma tal perspectiva infinita de tragédia no anúncio que, em seu estado de espírito receptivo, sentiram as perdas como se fossem pessoais e seus olhos encheram-se de lágrimas.

No fim de outro longo silêncio, Babette de repente soltou um leve sorriso e disse: “E como eu iria voltar a Paris, madames? Estou sem dinheiro”.

“Sem dinheiro?”, exclamaram as irmãs como se fossem uma só.

“Isso”, disse Babette.

"Mas e os dez mil francos?", perguntaram as irmãs, ofegantes de horror.

"Os dez mil francos foram gastos, madames", disse Babette.

As irmãs se sentaram. Por um minuto, ficaram sem fala.

"Mas dez mil francos?", sussurrou lentamente Martine.

"O que queriam, madames", disse Babette com grande dignidade. "Um jantar para doze no Café Anglais custaria dez mil francos."

As senhoras continuavam sem uma palavra para dizer. A novidade era-lhes incompreensível, mas já então muitas coisas nessa noite, de uma forma ou de outra, estavam além da compreensão.

Martine lembrou-se da história contada por um amigo de seu pai que fora missionário na África. O homem salvara a vida da esposa favorita de um velho chefe e, para mostrar sua gratidão, o chefe lhe ofereceu uma lauta refeição. Somente muito depois é que o missionário ficou sabendo por seu próprio serviçal negro que aquilo que comera era um gordo netinho do chefe, preparado em honra do grande curandeiro cristão. Sentiu um calafrio.

Mas o coração de Philippa se desmanchava em seu peito. Parecia-lhe que uma noite inesquecível estava destinada a terminar com uma prova inesquecível de lealdade e autossacrifício de um ser humano.

"Querida Babette", disse, delicadamente, "não deveria ter gasto tudo que tinha por nossa causa."

Babette lançou um olhar penetrante à sua patroa, um olhar estranho. Não haveria compaixão, até mesmo desdém, no fundo dele?

"Por sua causa?", retrucou. "Não. Foi por minha causa."

Ergueu-se do toco e ficou de pé diante das duas irmãs.

"Sou uma grande artista!", disse.

Esperou um minuto e então repetiu: "Sou uma grande artista, madames".

Mais uma vez, por um longo tempo houve silêncio na cozinha.

Depois, Martine disse: "Então vai ser pobre o resto da vida, Babette?".

"Pobre?", disse Babette. Sorriu para si mesma ao ouvir isso. "Não, nunca vou ser pobre. Já lhes disse que sou uma grande artista. Uma grande artista, madames, nunca é pobre. Temos algo, madames, a respeito do qual as outras pessoas não fazem a menor ideia."

Embora as duas senhoras idosas não encontrassem mais nada que dizer, no coração de Philippa vibraram cordas profundas, esquecidas. Pois outrora ouvira falar, muito tempo antes, do Café Anglais. Outrora ouvira falar, muito tempo antes, dos nomes na trágica lista de Babette. Levantou-se e deu um passo na direção da criada.

"Mas todas essas pessoas que mencionou", disse, "esses príncipes e gente importante de Paris cujos nomes disse, Babette? Você mesma lutou contra eles. Você foi uma *communarde*! O general que

mencionou mandou matar seu marido e seu filho! Como pode sofrer por eles?”

Os olhos negros de Babette fitaram os de Philippa.

“Sim”, disse ela, “eu fui uma *communarde*. Graças a Deus, eu fui uma *communarde*! E as pessoas que mencionei, madames, eram más e cruéis. Deixaram o povo de Paris passar fome; levaram opressão e injustiça aos pobres. Graças a Deus, eu fiquei numa barricada; descarreguei minha arma por meus concidadãos! Mas mesmo assim, madames, não voltarei a Paris, agora que as pessoas de quem falei já não estão mais por lá.”

Ficou imóvel, perdida em pensamentos.

“Vejam, madames”, disse, finalmente, “essas pessoas me pertenciam, eram minhas. Foram criadas e educadas, a um custo tão elevado que as senhoras, minhas queridas, jamais poderiam imaginar ou acreditar, para compreender a grande artista que sou. Eu era capaz de torná-los felizes. Quando dava o melhor de mim, era capaz de torná-los perfeitamente felizes.”

Fez uma pausa.

“Foi assim também com Monsieur Papin”, disse.

“Com Monsieur Papin?”, perguntou Philippa.

“Sim, com seu Monsieur Papin, minha pobre senhora”, disse Babette. “Ele mesmo me contou: ‘É terrível e insuportável para um artista’, disse, ‘ser encorajado a fazer, ser aplaudido por fazer, quase o melhor’. Disse: ‘No mundo todo, um longo lamento é emitido pelo coração do artista: Permitam-me dar o máximo de mim!’.”

Philippa foi até Babette e envolveu-a em seus braços. Sentiu o corpo da cozinheira como um monumento de mármore contra o seu, mas ela mesma tremia muito dos pés à cabeça.

Por alguns instantes, não conseguiu falar nada. Então sussurrou:

“Contudo, sinto que não é o fim! Sinto, Babette, que isto não é o fim. No Paraíso, será a grande artista que Deus planejou! Ah!”, acrescentou, lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. “Ah, como encantará os anjos!”

1 Mulheres que ateiam fogo às casas com petróleo.

SOBRE A AUTORA

KAREN BLIXEN, também conhecida pelo pseudônimo de Isak Dinesen, nasceu em abril de 1885 em Rungsted, na Dinamarca. Em 1914, casou-se com um primo distante e com ele iniciou uma plantação de café no Quênia, na África. A experiência desse período foi retratada posteriormente em sua obra mais conhecida, *A fazenda africana*, adaptada para o cinema em 1985. Em 1931, o fracasso da plantação de café e o término de seu casamento levaram-na de volta à Dinamarca, onde deu seguimento à carreira literária. Indicada diversas vezes para o Prêmio Nobel de Literatura, Karen Blixen foi agraciada com o Tagea Brandt Rejselegat em 1939. Morreu em 1962 em sua cidade natal.

FICÇÃO

The Revenge of the Truth (peças de marionetes, de 1904, 1915, 1926).

Seven Gothic Tales. Nova York / Londres: Harrison Smith e Robert Haas / Putnam, 1934. *Syv fantastiske Fortællinger*. Copenhague: Reitzels, 1935.

Out of Africa. Londres: Putnam, 1937; Nova York: Random House, 1938. *Den afrikanske Farm*. Copenhague: Gyldendal, 1937.

Winter's Tales. Nova York / Londres: Random House / Putnam, 1942. *Vinter-Eventyr*. Copenhague: Gyldendal, 1942.

"Sorg-agre", in *Winter's Tales*. Nova York / Londres: Random House / Putnam, 1942.

Gengældelsens Veje, trad. para o dinamarquês Clara Svendsen. Copenhague: Gyldendal, 1944. *The Angelic Avengers* [sob o pseudônimo Pierre Andrézel]. Londres: Putnam, 1946; Nova York: Random House, 1947.

Last Tales. Nova York / Londres: Random House / Putnam, 1957. *Sidste Fortællinger*. Copenhague: Gyldendal, 1958.

Anecdotes of Destiny. Nova York / Londres: Random House / Michael Joseph, 1958.

Skæbne-Anekdoter. Copenhague: Gyldendal, 1960.

Skygger paa Græsset. Copenhague: Gyldendal, 1960. *Shadows on the Grass*. Nova York / Londres: Random House / Michael Joseph, 1961. Sob o pseudônimo Osceola, in Clara Svendsen (org.). Copenhague: Gyldendal, 1962.

Ehrengard. Nova York /Londres: Random House / Michael Joseph, 1963.

Carnival: Entertainments and Posthumous Tales, prefácio de Frans Lasson. Chicago: The University of Chicago Press, 1977.

ENSAIOS

Daguerreotypes and Other Essays. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.

On Modern Marriage and Other Observations. Nova York: St. Martin's Press, 1986.

CORRESPONDÊNCIA

Letters from Africa: 1914-1931, in Frans Lasson (org.), trad. Anne Born. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

Karen Blixen i Danmark: Breve 1931-1962, 2 v., in Frans Lasson e Tom Engelbrecht (org.). Copenhague: Gyldendal, 1996.

OBRAS ADAPTADAS PARA O CINEMA

The Immortal Story [*A história imortal*, Orson Welles, 1968]

Out of Africa [*Entre dois amores*, Sydney Pollack, 1985]

Babettes gaestebud [*A festa de Babette*, Gabriel Axel, 1987]

NO BRASIL

Sete novelas fantásticas, trad. Per Johns. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
Sete narrativas góticas, trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
A fazenda africana, trad. Per Johns. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
A fazenda africana, trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
Anedotas do destino, trad. Cassio Arantes Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
"Campo de dor", in F. J. Billeskov Jansen e R. Wagner Hansen (orgs.). *Panorama da literatura dinamarquesa*, trad. Per Johns. Rio de Janeiro: Nórdica, 1981.
A festa de Babette e outras anedotas do destino, trad. Isabel Paquete Araripe. Rio de Janeiro: Record, 1986.
Contos de inverno, trad. Anna Olga Barreto. São Paulo: Editora 34, 1993.
Sombras na relva, trad. Maria Luiza Newlands. São Paulo: Editora 34, 1993.

SOBRE KAREN BLIXEN

Thorkild Bjornvig. *Pagten*. Copenhague: Gyldendal, 1974. *The Pact: My Friendship with Isak Dinesen*, trad. do dinamarquês Ingvar Schousboe e William Jay Smith. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1983.
Errol Trzebinski. *Silence will Speak: A Study of the Life of Denys Finch-Hatton and his Relationship with Karen Blixen*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
Frans Lasson e Clara Selborn. *Karen Blixen: Her Life in Pictures*. Rungsted: Karen Blixen Museet, 1994.
Heather Keenleyside. "The Self and Stones of Isak Dinesen: A Dialogue on Narrative Identity". *Critical Quarterly*, 43, 3, 2001.
Marianne Wirenfeldt. *The Art of Karen Blixen: Drawings and Painting* (catálogo). Rungsted: Karen Blixen Museet, 2002.

NO BRASIL

Paulo Rónai, "Karen Blixen e / ou Isak Dinesen ou o desespero mágico", in *Pois é*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
Julio Cortázar, "Alguns aspectos do conto", in *Valise de cronópio*, trad.

Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.
Per Johns, “As potências numinosas de Isak Dinesen”, in *Polímica*, n. 3. São Paulo: Moraes, 1981.
_____ . “Prometeu no jardim do Éden”, “Viagem alma adentro” e “Ficção do assombro e outras magias”, in *Dioniso crucificado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
_____ . “A África perdida de Isak Dinesen”, in *Dioniso crucificado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. Com o mesmo título, posfácio a *Sete narrativas góticas*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
Judith Thurman. *A vida de Isak Dinesen (Karen Blixen)*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
Eugene Walter. “Isak Dinesen” (Entrevista, 1956), in *Os escritores, 2: As históricas entrevistas da Paris Review*, seleção de Marcos Maffei, trad. Luiza Helena M. Correia et al. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
Hannah Arendt, “Isak Dinesen: 1885-1963”, in *Homens em tempos sombrios*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
Mario Vargas Llosa, “Os contos da baronesa”, in *A verdade das mentiras*, trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.
Truman Capote, “Isak Dinesen”, in *Os cães ladram*, trad. Antonio Celso Nogueira. Porto Alegre: l&pm, 2006.

Coleção Portátil

1 *Lero-lero*, Cacaso
2 *Khadji-Murát*, Liev Tolstói
3 *A sociedade contra o Estado*, Pierre Clastres
4 *O amante*, Marguerite Duras
5 *O africano*, J. M. G. Le Clézio
6 *Como funciona a ficção*, James Wood
7 *Degas dança desenho*, Paul Valéry
8 *Leão-de-chácara*, João Antônio
9 *O fim da história da arte*, Hans Belting
10 *Antropologia estrutural*, Claude Lévi-Strauss
11 *Teoria da vanguarda*, Peter Bürger
12 *A prosa do mundo*, Maurice Merleau-Ponty
13 *Carta a D.*, André Gorz
14 *A festa de Babette*, Karen Blixen
15 *O som e a fúria*, William Faulkner
16 *A invenção da cultura*, Roy Wagner
17 *Esperando Foucault, ainda*, Marshall Sahlins
18 *Uma criatura dócil*, Fiódor M. Dostoiévski
19 *O pensamento alemão no século XX, volume 1*, Jorge de Almeida, Wolfgang Bader
20 *O pensamento alemão no século XX, volume 2*, Jorge de Almeida, Wolfgang Bader
21 *Estética doméstica*, Clement Greenberg
22 *Este lado do paraíso*, F. Scott Fitzgerald
23 *Sobre o sacrifício*, Henri Hubert, Marcel Mauss
24 *O olho e o espírito*, Maurice Merleau-Ponty
25 *Ensaio sobre a dádiva*, Marcel Mauss

© Cosac Naify, 2006, e-book, 2014
© Gyldendalske Boghandel, Nordisk Forlag A/S, 1956

EDIÇÃO Alexandre Barbosa de Souza
ASSISTENTE EDITORIAL Ana Paula Martini
PREPARAÇÃO Bruno Costa
REVISÃO Cecília Floresta
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Cosac Naify
PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida
PRODUÇÃO DE EPUB Fabian J. Tonack

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Blixen, Karen [1885-1962]
A festa de Babette: Karen Blixen
Título original: *Babette's feast*
Tradução: Cassio de Arantes Leite
São Paulo: Cosac Naify, 2014

ISBN 978-85-405-0645-9

1. Contos dinamarqueses
I. Título.
II. Série.

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos: Literatura dinamarquesa 839.81309

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2° andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br

BLOG

You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em dezembro de 2013, com base na 1ª edição Cosac Naify Portátil, de 2012.

FONTES Mercury e Akzidenz-Grotesk Pro
SOFTWARES Adobe InDesign e Sigil

Table of Contents

I. DUAS SENHORAS DE BERLEVAAG
II. O NAMORADO DE MARTINE
III. O NAMORADO DE PHILIPPA
IV. UMA CARTA DE PARIS
V. NATUREZA-MORTA
VI. A BOA SORTE DE BABETTE
VII. A TARTARUGA
VIII. O HINO
IX. O GENERAL LOEWENHIELM
X. O JANTAR DE BABETTE
XI. O DISCURSO DO GENERAL LOEWENHIELM
XII. A GRANDE ARTISTA
SOBRE A AUTORA
Coleção
Créditos
Redes Sociais
Colofão

Table of Contents

I. DUAS SENHORAS DE BERLEVAAG
II. O NAMORADO DE MARTINE
III. O NAMORADO DE PHILIPPA
IV. UMA CARTA DE PARIS
V. NATUREZA-MORTA
VI. A BOA SORTE DE BABETTE
VII. A TARTARUGA
VIII. O HINO
IX. O GENERAL LOEWENHIELM
X. O JANTAR DE BABETTE
XI. O DISCURSO DO GENERAL LOEWENHIELM
XII. A GRANDE ARTISTA
SOBRE A AUTORA
Coleção
Créditos
Redes Sociais
Colofão